

Barbárie e humanização, no *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago

Lívia Lemos Duarte - (mestranda em Ciência da Literatura, Semiologia, UFRJ)

Resumo

Nesse trabalho, pretendemos analisar como se configura e o que representa a cegueira do "Ensaio sobre a Cegueira", de Saramago. Ao romperem-se os limites entre civilização e barbárie, a violência é instaurada como ordem vigente na cidade fictícia. Nesse sentido, destacamos alguns momentos e personagens da narrativa que atentam para a necessidade de humanização frente ao processo de cegueira e de caos vivenciados pelos personagens do Ensaio.

Existe no *Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago uma diferença sutil entre as atitudes de *olhar* e de *ver*. O *olhar* no sentido de percepção visual, uma conseqüência física do sentido humano da visão. O *ver* como uma possibilidade de observação atenciosa, de exame daquilo que nos aparece à vista. Provavelmente é nesse sentido que o autor traz como epígrafe do livro a frase: *Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*. O *reparar*, portanto, não é nada mais do que se libertar da superficialidade da visão para aprofundar o interior do que é o homem e, finalmente, conhecê-lo.

Nesse sentido, a narrativa em questão promove um jogo entre desumanização e humanização ao trazer passagens, em que se desce aos mais baixos extremos da barbárie, mas, sempre atentando para momentos de solidariedade e de compaixão, ou seja, para momentos em que o reparar se torna fundamental. Tendo em vista esse jogo, nesse trabalho, pretendo analisar como se configura e o que representa a *cegueira* do *Ensaio sobre a Cegueira*, de Saramago, assim como destacar alguns momentos e personagens da narrativa que atentam para a necessidade de humanização frente ao processo de cegueira e de caos vivenciados pelos personagens do *Ensaio*.

Como será esclarecido adiante, ao utilizar a cegueira como uma alegoria, o autor configura o estado de crise por que passam as sociedades capitalistas do século XX, nas quais, freqüentemente, os limites entre civilização e barbárie são rompidos.

Tomando por base a obra *O Mal-Estar na Civilização*, de Freud entende-se que a evolução das sociedades humanas não é nada mais do que a representação do conflito entre os instintos de vida e de destruição presentes no homem. O fato de que se combinem indivíduos isolados, depois famílias, raças e povos numa grande unidade representa, segundo Freud (2002), um grande esforço da humanidade, pois, em nome da conjunção, da civilização, ela tem de reprimir seu instinto latente de destruição.

No *Ensaio sobre a Cegueira*, vemos situações que revelam claramente uma ruptura no limite entre os instintos de civilização e de autodestruição apresentados por Freud. A cegueira branca, que acomete os personagens da narrativa, serve como estopim para que o horror tome conta da cidade fictícia. Tal situação é agravada pela desintegração da vida humana articulada e, conseqüentemente, pelo estabelecimento da alienação entre os indivíduos. Nesse sentido, a

cegueira apresentada por Saramago pode ser encarada como um sintoma da alienação do homem em relação a ele próprio.

Essa interpretação para a cegueira pode ser analisada sob a perspectiva de Marx¹, na medida em que for encarada como um resultado do avanço irrefreado do capitalismo, que faz com que os homens percam a consciência de si, se deformem, se massifiquem e se barbarizem, tornando-se semelhante a *uma mercadoria*. Com isso, nas palavras de Marx, *com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens*.²

Seguindo o conceito de alienação como desumanização, é possível dizer que a alienação é freqüente em sociedades marcadas pela imposição de hierarquias e pela dominação através do poder. Entenda-se *poder* segundo a definição de Foucault, ou seja, como uma rede produtiva, que para ser mantida conta com mecanismos de força aceitos pela sociedade (FOUCAULT, 2001). A questão a ser entendida é como que o poder possui essa aceitação. De fato, os homens não se submetem às incoerências de uma força se não a tivessem como verdadeira. A idéia de *verdade*, a *verdade* como lei, como conjunto de artifícios regulados, segundo Foucault, é a própria expressão do poder. Ela seria a chave para o entendimento da cegueira do *Ensaio* de Saramago, à medida que ambas – verdade como lei e cegueira como alienação- são fatores presentes em sociedades capitalistas.

Os personagens da narrativa cegos ficaram, no final dela, voltaram a ver, mas mantiveram-se cegos funcionais, já que estavam submetidos ao regime do poder, que impõe regras, induz efeitos e garante a reprodução e a manutenção da cegueira, da alienação. Não seria possível, portanto, deixar de estar cego se o poder da verdade não fosse desvinculado das formas de hegemonia.

Em o *Ensaio sobre a Cegueira*, no momento em que o *mal branco* começa a se alastrar pela cidade, há um indício de que são excedidos os domínios do controle, o que faz com que as autoridades da cidade fictícia tomem a atitude de confinar os cegos num manicômio desativado.

¹ MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1963.

² IDEM

Tal manicômio pode ser visto como um espaço de poder da narrativa, na medida em que ele é utilizado como controlador e regulador do comportamento dos cegos. Os que foram enviados ao manicômio são postos ao esquecimento, sendo, vez ou outra, interrompidos pelo som de um alto-falante instalado no manicômio, que ditava as ordens do Governo, o que nos revela como, em estados de crise, sempre andam juntos a violência e o esquecimento. Nesse sentido, o vínculo entre verdade e poder, tal como apresentado neste trabalho, é capaz de gerar cegueira social, na medida em que os indivíduos não promovem contestações a respeito desse vínculo. Dessa maneira, a narrativa em questão gera reflexões a respeito da falta de consciência humana em relação à ligação entre a verdade e os mecanismos de poder. Em vista disso, as regras do que é humano são quebradas, em nome do abuso da força pelo mais forte, fazendo com que o instinto de sobrevivência tome conta do próprio homem.

Ao saírem do confinamento no manicômio, os cegos – expostos e desorganizados- têm de se acostumar à nova realidade da cidade modificada pela cegueira. Em determinado momento, vagando pelas ruas da cidade, os cegos conversam sobre a necessidade de organização como a melhor alternativa para fugir da morte, pois como reflete um personagem do *Ensaio, organizar-se já é de certa maneira, começar a ter olhos* (p.282). Entenda-se por *organização* uma forma dos cegos se conscientizaram sobre seu estado e resistirem a ele. No entanto, essa conscientização não ocorre e os cegos parecem não dar importância à degradação a que estão submetidos.

Resta, portanto, na nova realidade imposta pela cegueira, a atitude de reparar o outro como um caminho para a humanização frente à desumanização, como uma volta à percepção do outro sem as amarras do ofuscamento, causado pela alienação.

Assim é com o aparecimento do personagem escritor, que, mesmo cego, continua a exercer a atividade da escrita. Não podemos deixar de ver nesse fato a idéia da escrita como instrumento crucial para resistir ao esquecimento, já que ela é um meio pelo qual os homens podem perpetuar sua memória e formar sua consciência. Ao trazer, em sua narrativa, um personagem preocupado com o registro escrito, Saramago revela sua preocupação com a história humana e com a permanência da memória perante o esquecimento promovido pela barbárie.

O *velho da venda preta* é um personagem que, simbolicamente, representa aquele que possui sabedoria e poder de análise, ao refletir a respeito da cegueira e do caos instalado. Além da velhice, que lhe acumula experiência, o personagem usa uma venda, carregada de significação, pois, por ser um símbolo de cegueira, é também uma forma de mostrar que o personagem está imune à superficialidade das aparências físicas. Isso faz com que ele se interiorize, pois sua venda tapa o vazio em seu rosto, deixado pela perda de um olho, como também resguarda o personagem de julgamentos baseados no aspecto corporal. Isso é ainda mais reforçado pelo fato do velho da venda preta sofrer de catarata no olho que lhe resta. Velho, cego de um olho e ainda vítima de catarata, o velho da venda preta está fechado ao mundo corrompido pelas máscaras sociais e, embora vítima da cegueira branca, conserva consciência sobre o horror a que ele e os demais cegos estão submetidos.

Outro personagem crucial para a narrativa é a mulher do médico, que por ser a única que não cega, testemunha visualmente a degradação, trazida pela cegueira, tomando papel de líder e de defensora dos demais, em meio à crise a que são postos. Ao analisar a trajetória percorrida pela mulher do médico na narrativa, constata-se a grande parcela de solidariedade desprendida por ela em relação aos demais cegos, tanto nos momentos passados dentro do manicômio como no retorno à cidade. A mulher do médico possui um valor particular, pois, além de ser a única que manteve o sentido da visão, conserva sensibilidade e compaixão, mesmo quando tem de matar o líder de um grupo adversário no manicômio, descendo aos limites da agressividade, para interromper a escravização que este líder impunha.

Na volta à cidade completamente modificada pela cegueira, submetidos à simples satisfação de instintos primitivos e reificados pela alienação, os cegos vão como fantasmas anônimos percorrendo os labirintos urbanos, passando por estágios de profunda violência e barbárie. No entanto, ao recobram a visão, *começa a parecer uma história doutro mundo aquela em que se disse, Estou cego*³ e os momentos críticos vividos enquanto estavam sem visão perdem-se da memória por causa da euforia de terem voltado a ver, o que bem pode apontar para a

³ *Ensaio sobre a Cegueira*, p 310.

permanência da cegueira, não mais física, mas como um sinal de que a alienação continua presente entre os personagens.

Assim, no *Ensaio sobre a Cegueira* vemos, de forma surpreendente, como a crise gerada pela cegueira se move através da violência e da desumanização, fazendo com que os valores de igualdade e de respeito mútuo sejam deteriorados. O caminho para a cegueira pode ser configurado, portanto, através da submissão do homem às incoerências da opressão e da nova ordem instalada pela barbárie.

A não localização geográfica e a falta de demarcação temporal presentes em *Ensaio sobre a Cegueira* ampliam a abrangência da narrativa, pois a cidade fictícia pode ser uma representação de qualquer cidade onde imperam as contradições imanentes ao capitalismo avançado. Através dessa falta de referência espaço-temporal e do jogo entre desumanização e humanização presente na narrativa, Saramago convida o leitor a uma revisão de valores e a uma tomada de consciência a respeito da situação do homem enquanto cidadão do mundo. Isso porque, como vimos, na destruição da barbárie, é possível haver humanização por meio do resgate da memória, da solidariedade e por meio também da libertação das máscaras sociais, que alienam e aprisionam.

Bibliografia:

BUENO, André. **Formas da Crise; estudos de literatura, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Graphia , 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal: 2001.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico- Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1963.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.